Aula 6

A APRENDIZAGEM DA ESCRITA II

META

Expor uma teoria linguística sobre alfabetização, observando os fatos da língua.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
entender que problemas de alfabetização são provocados por fatos da língua;
saber posicionar-se em relação aos problemas decorrentes desses fatos;
refletir sobre os problemas que os(as) alfabetizandos(as) enfrentam durante o processo da aprendizagem da escrita.

PRERREQUISITOS

Para entender eficazmente esta aula, o(a) graduando(a) deve ter noções de Fonética/Fonologia e de Sociolinguística, principalmente no que diz respeito às questões do preconceito linguístico.

Criança brincando com as letras do alfabeto.
(Fontes: http://4.bp.blogspot.com).

INTRODUÇÃO

A Ciência Linguística tem também contribuído para a formação de professores(as) alfabetizadores(as). Há muitos(as) linguistas que estão nessa área há muito tempo. É importante, então, ter uma visão linguística desse processo, principalmente no que diz respeito aos fatos que ocorrem em nossa língua. Dessa forma, trazemos à baila as teorias de Lemle (2007) acerca desse assunto, por considerarmos a sua abordagem clara e eficiente. Além disso, à luz dos problemas discutidos nesta aula, tentamos nos colocar no lugar do(a) alfabetizando(a), apontando as suas prováveis dificuldades diante de determinadas ocorrências. Assim, colocamos os problemas relacionados à noção de palavra, à relação som/letra. Outrossim, incluímos algumas reflexões sobre a necessidade de o(a) professor(a) respeitar os múltiplos falares.

Professora ensinando em sala de aula o alfabeto.
(Fontes: http://revistaescola.abril.com.br).

A APRENDIZAGEM DA ESCRITA NA PERSPECTIVA DE LEMLE (2007)

Na aula anterior, nós estudamos, numa perspectiva construtivista, as fases por que passam as crianças ao serem alfabetizadas. É importante também lançarmos um olhar linguístico sobre esse tema, mesmo que, às vezes, corrobore a perspectiva construtivista. É nesse sentido que lançamos mão das contribuições de Lemle (2007) que, por sua vez, aborda os principais momentos da aprendizagem da escrita, observando alguns motivos da existência de dificuldades no processo de alfabetização. Ao mesmo tempo, indica caminhos para reverter tal situação, a fim de diminuir a incidência de repressão e improdutividade nas salas de aula. Dessa forma, a autora apresenta os fatos da língua, discutindo sobre eles. Por conta de tal abordagem apresentar uma visão ampla sobre a alfabetização, esclarecendo ao(à) professor(a) as causa das dificuldades dos(as) alunos(as), é que nós mencionamos os postulados teóricos dessa autora.

Para ela, as fases pelas quais o(a) estudante passa são de suma importância para seu processo de aprendizagem no momento da alfabetização e no posterior a ela. Nesse caminho, Lemle (2007) precisa os aspectos primordiais no processo da alfabetização, quais sejam: os sons da fala e sua relação com as letras da língua escrita. Tal relação provoca obstáculos para a promoção de uma alfabetização efetiva. O(a) professor(a), por sua vez, muitas vezes não tem conhecimento suficiente para atuar nessa área. Consequentemente, há prejuízos em relação ao(à) alfabetizando(a).

Ao ingressar no processo de alfabetização, é natural que o aprendiz encontre dificuldades por várias razões, uma vez que um objeto novo está sendo introduzido em sua vida, a escrita alfabética. Assim, Lemle (2007) menciona que os conhecimentos básicos e aparentemente fáceis, para quem já adquiriu a escrita e a leitura, são fundamentais para a alfabetização, quais sejam:

1. o conhecimento distinto do símbolo e seu significado - referente ao som da fala na forma escrita;
2. a percepção auditiva, que contém significativa relevância no que diz respeito à distinção dos sons;
3. o conceito de palavra;
4. a compreensão da sentença;
5. a forma de trabalhar com a página.

Todavia, por parecer tão natural, o(a) professor(a) pensa que o sentido de "**palavra**" não apresenta sérios entraves ao aprendiz. Observemos o que o dicionário eletrônico de Houaiss (2009) nos informa. Para o(a) falante, a palavra é identificada como uma unidade formal da linguagem. No entanto, no âmbito da fala, não estabelecemos fronteiras entre as palavras. É impor-

Palavra: substantivo feminino

1. unidade da língua escrita, situada entre dois espaços em branco, ou entre espaço em branco e sinal de pontuação
2. Rubrica: gramática.
unidade pertencente a uma das grandes classes gramaticais, como substantivo, verbo, adjetivo etc., não levando em conta as modificações que nela ocorrem nas línguas flexionais, e sim, somente, o significado; vocábulo
3. Rubrica: gramática.
m.q. vocábulo ('unidade átona')
4. Rubrica: linguística estrutural.
unidade mínima com som e significado que pode, sozinha, constituir enunciado; forma livre mínima, vocábulo
5. Derivação: por extensão de sentido.

tante observar que há uma definição controversa em relação ao conceito de palavra. Eis alguns problemas ilustrados por perguntas que Petter (2003) nos traz: quantas palavras há na frase: "José contou muitas estórias?" E, como resposta, obteríamos, provavelmente: quatro palavras. Uma outra possível pergunta seria: quantas palavras há na sequência: contou, contamos, contávamos, contasse? Se fizéssemos essa pergunta a estudantes de Letras, poderíamos obter divergentes respostas. Uma das respostas possíveis poderia ser esta: existem diferentes formas de uma mesma palavra. Uma outra concepção de sentido de palavra é decorrente de uma interpretação especial do conceito:

a) a forma vocabular ou forma de palavra;

b) o lexema, a palavra como unidade abstrata, com significação lexical, CONTAR, no caso.

No processo de aprendizagem da escrita, ocorre com mais frequência a falta de noção das fronteiras entre as palavras. Exemplos: em vez de "universo", "minha amiga", os(as) iniciantes tendem a escrever "o niverso", "minha miga". Isso acontece normalmente com palavras que são iniciadas com [a] ou [u]. É importante ainda salientar que o termo "palavra" traz implícita a relação entre uma mensagem que, por sua vez, é simbolizada através de sons, os quais são representados na escrita por letras que formam a palavra. Ou seja, existe uma relação entre fala, representação psíquica da fala, relação som – letra (também uma representação simbólica) e, finalmente, a escrita. Todo esse jogo entre simbologias distintas e imagens simbólicas é importante para a construção da escrita e o entendimento do que vem a ser uma palavra.

Como mencionado, outro princípio básico que devemos ter em mente é a compreensão da "sentença" que, no âmbito da escrita, é iniciada por letra maiúscula e finalizada por ponto. No início da alfabetização, o aprendiz não domina tal procedimento, mas, no decorrer do processo da alfabetização, essa percepção é adquirida.

Além disso, é preciso levar em consideração a forma de trabalhar com a página (escrever da esquerda para a direita, de cima para baixo). Ora, diante de uma folha de papel, o aluno alfabetizado não se posiciona de qualquer forma, mas apresenta toda uma relação íntima com o papel: sabe onde começar a escrever, onde terminar de escrever. Isso também faz parte da construção do processo de aprendizagem da escrita. Dessa forma, podemos perceber que, antes de atingir a alfabetização, o(a) principiante depara-se constantemente com descobertas e particularidades referentes à língua escrita e à língua falada, os meios utilizados para cada uma dessas modalidades.

Além desse contexto de construção de conhecimento, há de se perceber que a correspondência entre sons e letras do alfabeto é muito complexa, pois as letras consistem em uma representação simbólica dos sons da fala (os fones), não existe uma relação perfeita entre som e letra. O estabelecimento de tais relações é feito da seguinte forma:

1. a possibilidade de uma correspondência biunívoca (cada letra representando um único som e vice-versa) entre letra e fone é muito restrita, apenas as letras "p, b, t, d, v, a" correspondem aos sons [p], [b], [t], [d], [f], [v], [a]. Esse é o caso das relações **monogâmicas**.
2. Há um índice muito alto de relações **poligâmicas**, ou seja, um único som pode ser representado por diferentes letras. Assim, o som de [i], dependendo de sua posição, por exemplo, irá corresponder à letra "i" ou "e" (rico, treme); acontece o mesmo processo com o som de [u], que poderá ser representado pela vogal "o" ou "u" (unidade, armário).
3. Há ainda a **poliandria**, na qual uma letra pode representar sons diferentes como é o caso da consoante "l" que, dependendo de sua posição, terá o som [w] ou [l] (ladeira, louça, anel, caracol).

Vejamos agora exemplos de cada uma dessas ocorrências: poligamia: o fone (som) [ʃ] pode ser representado por "x", "ch", em respectivamente: enxaqueca, chafariz; o som [z] pode ser representado por "s", "z", "x", em respectivamente: casa, zumbido, exercício; poliandria: a letra "x" pode representar o som [ʃ], [z], [ks] em, respectivamente: enxame, exame, táxi; monogamia: há uma relação de um para um: um som e uma letra: [b], em botão, embalo; [v], em uva, vaca; [p], em pá, pera....

No princípio da alfabetização, o(a) educando(a) tende a relacionar cada som com uma letra (correspondência biunívoca), por achar que as letras correspondem fielmente aos sons da fala. Assim, escreve "tremi, armariu, aneu, caracou" no lugar de "treme, armário, anel, caracol". Essa relação é natural, uma vez que, no estágio de contato com a escrita, as noções de poligamia e poliandria não estão formadas, cabendo ao(à) educador(a) preparar o(a) principiante para entender tais singularidades.

Tal relação entre letra e som, estabelecida pelo aprendiz, é um grande avanço para a aprendizagem da língua escrita, já que o(a) iniciante compreendeu que há uma ligação entre som e letra representada na escrita. Entretanto, a etapa monogâmica não poderá ter um fim em si mesma, pois o(a) alfabetizador(a) deve apontar para as outras etapas, chegando às relações de poligamia e de poliandria, dada a importância da continuidade da construção das relações simbólicas entre som e letra. É importante observar ainda que, quando o(a) iniciante permanece na perspectiva da monogamia, os problemas ficam visíveis tanto na escrita como na leitura, pois as palavras são escritas com as mesmas consoantes ou vogais independentemente de suas posições, e a leitura fica artificial.

Temos ainda que considerar que, dentre essas particularidades, há a mais complexa de todas, a da concorrência entre duas ou mais letras disputando o mesmo som. Assim, diferentemente dos casos em que a posição

Monogamia

Casamento entre um único homem (som) e uma única mulher (letra).

Poligamia

Casamento de um único homem (som) com várias mulheres (letras);

Poliandria

Casamento de uma única mulher (letra) com vários homens (sons).

da letra é determinante, aqui a posição não interfere, o que dificulta ainda mais a aprendizagem da língua.

> Estão incluídas nesse caso as letras “s” e “z” (casa, azeda); “c, ç, ss” (assembleia, acessório, sessão, seção); “ch, x” (taxa, rocha).
> Como mencionado anteriormente, um fone (som) pode representar duas e até mais letras. Exemplos:
> [z] pode ser representado por “s, z, x” (casado, exame, beleza);
> [ʃ] pode ser representado por “ch, x” (chá, chave, xícara, xale).
> [ʒ] pode ser representado por “g”, “j” (gente, jibóia, congelamento, cafajeste)
> Nesses casos arbitrários, o dicionário é o melhor caminho e, paulatinamente, as palavras são assimiladas. Dessa forma, tem-se:
> a relação de um para um (monogamia),
> a relação de um para mais de um (poligamia e poliandria),
> e a relação de concorrência.
> Essas relações, em conjunto, formam as capacidades necessárias para a efetivação da alfabetização.

Como visto acima, no que se refere à competição das letras por certos sons, há a arbitrariedade e, nesse caso, todos nós estamos em constante alfabetização, uma vez que dúvidas sobre a grafia de determinadas palavras não são raras. Nesse ponto arbitrário, o professor deverá estar disponível para perguntas e respondê-las convincentemente recorrendo, por exemplo, à história da respectiva língua.

Dentre o que foi mencionado, o mais importante: o(a) educador(a) não poderá dar grande peso a erros de ortografia, pois se entende que haverá a assimilação gradativa; caso contrário, estará reprimindo a expressão escrita do principiante. Por conta disso, Lemle (2007) enumera algumas dificuldades nesse âmbito. São elas:

1. dificuldades de primeira ordem, caracterizadas pela leitura lenta, soletrada, omissões e trocas de letras. Nesse caso, o aprendiz ainda não adquiriu as capacidades prévias da alfabetização;
2. as dificuldades de segunda ordem indicam a permanência na teoria monogâmica;
3. as dificuldades de terceira ordem estão limitadas a trocas entre letras concorrentes. O aluno que se encontra neste patamar é considerado alfabetizado, já que as dificuldades desaparecem gradativamente com a prática de leitura e de escrita.

Outro aspecto a que o(a) professor(a) precisará estar atento(a) é quanto ao fator do preconceito linguístico. As variedades linguísticas são frequentes e requerem especial atenção para evitar que o(a) alfabetizador(a) não cometa discriminação perante a fala dos(as) alunos(as).

Além disso, no decorrer do tempo, as línguas tendem a sofrer mudanças causadas pelas gerações subsequentes, porém algumas modificações são estigmatizadas e consequentemente o grupo falante inserido no contexto é menosprezado. Daí a importância de o(a) professor(a) reconhecer que a língua falada e a escrita têm suas particularidades. Agora compete a ele(a) inserir a escrita na vida dos(as) alunos(as), respeitando expressão linguística de cada um(a) deles(as). Como bem argumenta Lemle (1991, p. 63):

> O professor que não tem preparo para entender o fenômeno da mudança linguística com a mesma naturalidade com que entende o fenômeno da evaporação ou da condensação da água é presa fácil de uma teorização preconceituosa dos fatos da língua.

CONCLUSÃO

Durante esta aula, constatamos as múltiplas dificuldades por que os(as) alfabetizandos(as) passam durante o processo de alfabetização. Isso porque eles(as) estão em contato com um objeto novo e, como tal, necessitam de atenção. Esta, por seu turno, centra-se muito mais na figura do(a) alfabetizador(a), uma vez que, como temos discutido ao longo dessas aulas, é delegado à escola o ensino da escrita. Nesse sentido, observamos que o(a) professor(a) deverá ter conhecimentos acerca dos fatos da língua. Estes, por seu turno, são de natureza linguística. Ou seja, é imprescindível que o(a) alfabetizador(a) tenha conhecimento dos pressupostos teóricos relacionados a essa área do saber, sob o perigo de não possuir subsídios teóricos suficientes para alfabetizar. Com efeito, tal profissional agirá empiricamente, obedecendo apenas a programas instituídos. Nesse contexto, será assujeitado ao processo e, por conseguinte, não poderá opinar, escolher, argumentar sobre as suas escolhas. Daí a importância de se dominar essa área do saber, a fim de ter ciência da própria postura enquanto introdutor(a) da criança/adulto no mundo letrado.

RESUMO

Ao longo desta aula, à luz dos pressupostos teóricos de Lemle (2007), estudamos quais conhecimentos são necessários para que uma criança seja submetida à aprendizagem da escrita. Dentre tais conhecimentos, constatamos que o principal é o estabelecimento da relação som/letra, haja vista que, a partir de tal noção, o(a) alfabetizando(a) fará inferências sobre a escrita das palavras. E, para alcançar essa noção, é necessário ter o conhecimento das letras. A partir daí, apresentamos alguns problemas referentes a tal relação, principalmente porque ela não ocorre de forma ideal. Com efeito, é importante que o(a) professor(a) não só tenha conhecimentos a respeito de tais problemas como também tenha sensibilidades para resolvê-los. Por fim, discutimos a importância do respeito aos múltiplos falares de uma língua.

ATIVIDADES

1. Quais são os conhecimentos fundamentais que a criança deve ter para ser alfabetizada?
2. Quais são as controvérsias existentes em relação à noção de palavra?
3. Que problemas, em relação ao processo de alfabetização, podem surgir a partir da controversa noção de palavra?
4. O que dizer em relação às noções de sentença e de página?
5. Elenque as possíveis dificuldades do(a) alfabetizando(a) no que diz respeito à relação som/letra.
6. Quais são os principais sinais que evidenciam que o(a) aluno(a) está na fase monogâmica? E na fase de concorrências entre letras e sons?
7. O que significa para o(a) alfabetizando(a) os sons da fala não corresponderem à ortografia oficial? Discuta o problema.
8. Discuta sobre a questão do preconceito linguístico em relação ao processo de aprendizagem da escrita.
9. No âmbito da alfabetização, o que significam as mudanças da língua?
10. A partir de qual momento podemos afirmar que o(a) aluno(a) está alfabetizado(a)?

AUTOAVALIAÇÃO

1. Como se posicionar frente às dificuldades por que passam as crianças diante dos fatos de língua?
2. Que conhecimentos acerca da língua e da linguagem você, como professor(a) alfabetizador(a), precisa acionar para respeitar os múltiplos falares a que os(as) estudantes estão submetidos?
3. Como você poderia estabelecer a relação entre a teoria discutida nesta aula e a sua prática efetiva em sala de aula de alfabetização?

PRÓXIMA AULA

No caminho da linguística, mas sob outra perspectiva, observaremos a alfabetização à luz do paradigma indiciário. Se até então priorizamos o conhecimento prévio da criança, a partir de tal paradigma, aprenderemos a lidar com os indícios de escrita elaborados por ela.

REFERÊNCIAS

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda., 2009
LEMLE, M. **Guia teórico do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 2007
PETER, M. Morfologia. In: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à linguística: princípios de análise**. Vol. II. São Paulo: Contexto, 2003, p. 59 – 79.